

A BATALHA

A situação presente

A-pesar-de todas as promessas dos governos e da própria melhoria cambial, a situação económica, longe de se tornar mais suportável, ainda se agravou com a crise de trabalho e com a mais desenfreada especulação dos industriais e dos comerciantes.

Por toda a parte, as «fórcas-vivas» se confluem para fazer uma forte oposição ao operariado, emboraçoando-nos suas reivindicações. E porque entre os republicanos alguém pretendeu fazer triunfar algumas medidas que até certo ponto iam contra a preponderância das oligarquias económicas, logo estas se preparam para intervir na política, tomar os lugares de mais alta importância, e desde já fazerem a campanha de descrédito de todos os elementos que não queriam ser seus címplices, desde o simples deputado ao próprio presidente da República, que elas não pouparam nos seus ataques.

Neste momento, a sua ação política é ainda inspirada em motivos de ordem económica: o seu desejo ardente de predomínio sobre a classe trabalhadora e a sua sede de lucros, resistindo à baixa de preços dos géneros. Toda a gente pode facilmente ver esta intenção na manobra política que estão instigando. Quando foi levada ao parlamento a proposta de abolição dos monopólios, logo constou que, desde que fosse aprovada, haveria a possibilidade dum empréstimo em ouro ao Estado. Mesmo sem esse empréstimo se tornar efectivo, a sua possibilidade, que derivava da aprovação daquela proposta, influiria imediatamente no câmbio, e faria baixar o custo da libra.

Ora isso ia desarranjar todos os planos das «fórcas-vivas», que depois duma segunda baixa de preços não poderiam continuar a manter os preços exagerados das mercadorias. Daí a maquinaria para evitar que o parlamento chegue a aprovar essa proposta. A saída das câmaras dos seus aliados nacionalistas vem fazer triunfar esse plano.

A-pesar-de abandonarem o parlamento, continuam a ser contados para o efeito do *quorum*, o que dará em resultado repetirem-se com frequência as *faltas de número* e a não realização de sessões. E se a maioria parlamentar tomar a decisão de abandonar também os seus logares para o parlamento se dissolver já, também isso facilitará o plano das fórcas vivas de evitar a aprovação imediata da abolição dos monopólios, da possibilidade do empréstimo e portanto da baixa da libra.

Temos portanto diante de nós esta bela perspectiva: a vida contínua e encarecer. Os mercereiros andam cheios de contentamento, com a esperança de que os géneros subam. Dizem quem os quer ouvir que passados uns dias tudo subirá de preço.

Os exploradores do povo consumidor, antes da melhoria cambial, constantemente diziam que a carestia da vida era apenas uma resultante da baixa do escudo. Agora que o escudo se valorizou, mantendo essa valorização durante meses, continuam com tóda a desfaçatez própria de bandidos a manter a alta dos preços. Ao mesmo tempo os industriais, a-pesar-de obterem pela melhoria cambial as matérias primas e o combustível mais barato, aprofundam-se da circunstância da melhoria cambial para provocar uma crise de trabalho com a qual pretendem fazer baixar o salário.

Tudo isto indica claramente que, perante a união das fórcas vivas e os seus ataques contra os exploradores, têm estes a necessidade e o dever de se unirem e reagirem contra a pressão burguesa, que toma agora um mais elevado grau de intensidade. Tudo nos indica que uma luta feroz, mesmo na praça pública, será inevitável. E necessário é que todos nós, operários, estejamos preparados para ela.

GUERRA DE MARROCOS

TANGER, 19—Os rebeldes rifianos atacaram e saquearam algumas aldeias submetidas às tropas espanholas, nas cercanias de Tetuan. O comandante da praça organizou imediatamente uma coluna para castigar os rebeldes.—(R.)

Lições de História pelo 'Amigo Banana'

As interpretações das «fórcas vivas» que compraram «O Século» por dez mil contos para defender os seus lucros ilícitos e as interpretações dos que de seu têm apenas um ideal de progresso

Os perigos nunca fizeram tremer os idealistas

Nunca os perigos constituiram obstáculo para aqueles que, iluminados por um ideal, se lançam no caminho das conquistas em que antevêem possibilidade de melhor justiça para a humanidade.

Morre-se na luta!

Não são compreendidos os nossos sacrifícios! Não chegamos a usufruir as vantagens morais e materiais por que batalhamos?

Embora, Nada disso arrefece o nosso entusiasmo, porque não é o interesse, o vício utilitário, que orienta os novos povos.

Sabemos, perfeitamente, que, quase sempre, na eclosão desses movimentos, há muitas injustiças que não pouparam os mais dedicados apóstolos e precursores.

Não ignoramos que os acontecimentos nem sempre decorrem nos limites traçados e previstos pelos orientadores, e que estes podem ficar sob os escombros dessa sociedade que é mister demolir.

Sabemos tudo isto, perfeitamente, mas isso não diminui o nosso alento, não apaga a nossa fé.

E, precisamente porque o sabemos, maior sacrifício representa a nossa posição, mais respeito nos devem os nossos adversários.

Por ventura, aquele méfico que sabe dignificar a sua profissão, ao receber ordem de marchar para o campo onde a febre pestilencial alastrá, vacila um momento no cumprimento do seu dever?

E o audacioso aviador, que demanda a conquista do espaço, engeita a sua profissão pelo perigo a que se expõe?

O bacteriologista, que desconhecendo ainda, a família microbiana que o pode contaminar, não arrisca a sua vida pela humanidade?

O sacrifício dos iluminados!

Todos eles, de olhos fitos no progresso humano, não ignoram que na luminosa estrada que trilham podem encontrar a morte.

Mas, nem por isso, vacilam um só momento, porque a sua vida é pertença da humanidade.

Um pouco assim, é a vida daqueles que se votam à propaganda da transformação social.

Não ignoramos a história, não. E é ela que nos garante que a humanidade caminha, e que a sociedade futura tem de ser conquistada pelos exploradores.

Entenderá este idealismo, deste desinteresse, «O Século», que foi comprado por 10 mil contos para defender os banqueiros, o comércio rico, os proprietários, os exploradores?

Quer-nos parecer que não, e nem de outra forma se comprehende a sua desgraçada ligação de história.

Sobre uma atitude

O Conselho Confederal tomou ontem resoluções

Reuniu ontem o Conselho Confederal da Confederação Geral do Trabalho a fim de apreciar o conflito que as suas resoluções da sessão anterior haviam suscitado entre a redação de *A Batalha* e o mesmo Conselho.

Após larga discussão este aprovou a seguinte moção:

«Considerando que o Conselho Confederal, na sua reunião do 17 do corrente, go apreciar a orientação do órgão da C. G. T., o fez dentro dum plenissímo direito, visto que *A Batalha*, porta-voz da organização operária portuguesa, deve exprimir o deseo e as aspirações da mesma, desejos e aspirações que o mesmo Conselho tem que respeitar;

que a expressão colectiva desse Conselho foi consubstanciada numa moção tornada pública, cujos termos nem ao de leve podem ferir as susceptibilidades do corpo redactorial do jornal, apesar de no mesmo se empregar o termo «redacção»;

que esse termo é, efectivamente, impróprio para designar o seu director, único a quem o convite expresso na moção em referência é feito quanto à publicação de tais ou quais artigos, porque é o responsável perante este Conselho e só ao mesmo éste lhe dirigiu quando aprovou a moção;

que, em tais condições, o corpo redactorial não tem razão para o melindrar que o levou a tomar a atitude que tornou pública, facto que só pode ser tomado à conta de precipitação resultante do mal entendido que originou esta questão;

que a demissão ou admissão de redactores é só da competência do director, delegado directo desse Conselho, e só pode ser, junto do corpo redactorial, esclarecer o equívoco que determinou a atitude do Conselho Confederal, certo que o director empregará os seus esforços para que a orientação de *A Batalha* seja respeitada dentro do espírito da moção aprovada na sessão do dia 17, dálhe os necessários poderes para explicar ao seu corpo redactorial o que acaba de ser esclarecido nos considerando supras, convidando-o a manter-se nos seus lugares.

Apreciando também as insinuações de que o camarada Manuel Joaquim de Sousa foi alvo nos jornais da noite de ontem, aprovou a seguinte moção:

«O Conselho Confederal, apreciando as entrevistas publicadas em 2 jornais da noite, difamando o camarada Manuel Joaquim de Sousa, resolve repudiar as apreciações ali feitas, prestando ao dito camarada tóda a sua solidariedade moral.»

DEFENSOR E DEFENDIDOS...

Responde o *Século* acerca do que aqui dissemos sobre os lucros fabulosos feitos pelos comerciantes à custa da miséria do povo que não há lucros ilícitos mas sim fraudes. Diz-nos também que a melhor resposta que nos pode dar é uma entrevista que na véspera, isto é, ante-ontem, publicou com o sr. Alfredo Ferreira, na qual ele diz que o comércio não pode ser responsável pelos comerciantes milicianos que surgiu com a guerra.

Não merece discussão a atitude do comércio da guerra para cá. A população conhece-a porque a sofreu e ainda a continua sofre. O sr. Alfredo Ferreira também a conhece porque lucrou com ela e continua lucrando.

Antes da guerra o sr. Ferreira tinha um escritoriosinho modesto, insignificante. Chegou a guerra e enriqueceu. Será em nome da sua fortuna que defende a atitude do comércio?

O defensor é igual, em moral, aos defendidos. O sr. Alfredo Ferreira talvez por lhe faltar a inteligência e ignorar a gramática e imaginar que nós somos surdos e cegos, veio com a defesa dos outros e de si próprio.

O *Século* imitou o sr. Alfredo Ferreira,

Um inquérito aos lucros ilícitos

Parce que no Parlamento vai ser posta brevemente, a questão dos lucros ilícitos, que determinará a apresentação dum projeto de rigoroso inquérito às diversas fortunas misteriosamente arranjadas durante a guerra, pelos comerciantes gananciosos que, agora mesmo, ainda persistem na alta dos preços.

Também se diz que, ao mesmo tempo, será levantada a questão da incompatibilidade de funções de deputado ou ministro com lugares em empresas particulares.

Aguardamos a atitude do Parlamento; entretanto não largaremos tal assunto da mão.

O país precisa, realmente, averiguar como é tóda essa gente, dum momento para outro, nos aparece com centenas e milhares de contos.

Não largaremos a questão. repetimos.

«A Batalha» vende-se em tódas as tabacarias

PECADO DE HERESIA?

A Igreja Católica por intermédio do episcopado excomungou a «Epoca»

O pensamento de Deus só existe em Lisboa nas colunas das «Novidades»

Reina a desaventura nas hostes do Senhor e desaventura tão grave que o raiô fulminador da cólera de Deus já interveio... A «Epoca», tão católica, tão beata, tão fanática, tão reactionária, foi excomungada público e raso pelo Episcopado. O cardeal patriarca, os arcebispos e os bispos decidiram—As «Novidades» publicou—que a «Epoca» de nenhum modo se pode considerar como orientador da ação social e política dos católicos.

Incorreu a «Epoca» no feio e gravíssimo e supremo pecado da heresia? Poderá então ela congratular-se por estarem extintas as fogueiras da Inquisição que ela advoga para que o seu director, responsável perante Deus e seu Vigário na terra e perante os homens, não seja grelhado nas brasas ou morrer de caroço e sambenito num purificador aí de fá?

Nem a «Epoca» praticou heresia de maior, nem a Inquisição se existisse queimava a seráfica pessoa que a dirige, pois ela sabe salvar-se das chamas pela pertinácia com que denunciaria herezes às centenas. Não está, contudo, a «Epoca» absolvida a-pesar-de ser fiel a Deus, porque Deus está com as «Novidades» e aconselha aos católicos a leitura desta última beata folha, por ser a única—única—interpretar fiel do seu pensamento divino.

Os monárquicos estão com a «Epoca» e condenam as «Novidades». O sr. Carvalho da Silva, leader monárquico, disse ao *Diário de Lisboa* que não compreende bem a doutrina da nota dos bispos.

Esta extravagância—a incomprensão dos bispos por um católico—é dissipular a sua impotência em excomungar os bispos do mesmo modo que os bispos excomungaram a «Epoca». Não compreende? Essa agressão...

O sr. Carvalho da Silva sabe muitíssimo bem que os católicos resolvem separar-se dos monárquicos e conquistar o predominio da igreja sem esperar a restauração da monarquia em que elas não acreditam. Desde que na Europa os tronos começaram a desabar e as monarquias reduziram as centenas de emigrados expulsos ou fugidos dos países em que elas cessaram, a igreja para querer unir a sua sorte a um regime político condenado pelos povos separou-se... Proclamou a sua independência, guardando neutralidade solene os regimes políticos, aceitando politicamente como bons os que existam em qualquer país.

De acordo com essa atitude fundiu-se em Lisboa um centro católico dirigido por indivíduos que se comprometeram a não se envolver na questão de regimes. Para defender a religião, seguir a política da religião, é necessário renunciar à defesa de qualquer regime. Os dirigentes do Centro Católico, integrados nessa orientação, fundaram as «Novidades», que não atacam a república nem defendem a monarquia, mas unicamente a religião católica. A igreja que fundou o Centro Católico, que fundou as «Novidades», aderiu declaradamente à república, tendo na última comemoração de 5 de outubro posto a bandeira republicana nas fachadas das igrejas que de noite iluminaram. Isto para não citar outros factos de visível e concludente adesão, como a imposição do barrete cardinalício a Lopes e os convites para almoçar feitos por Nicotra ao Chefe de Estado.

O sr. Carvalho da Silva sabe tudo isto. A sua incomprensão é o único expediente político do homem que sendo católico não pode explodir em colera contra os bispos, embora lá no íntimo os mande, sem cor da实idade alguma, para o diabo...

O sr. Carvalho da Silva disse também que «os senhores bispos eram certamente a esta hora, muito arrependidos de terem publicado o documento». O fogoso defensor da monarquia sabe perfeitamente que os bispos não se arrependem, porque o papa que lhes demarcou a sua atitude também não se arrepende, visto que foi adoptada para todos os países a mesma política para os católicos militantes.

Os «Dias» dizem que acatam todos os dogmas católicos, todos os ensinamentos da igreja, mas como católicos. Porém, a sua cidadãos reservam a sua inteira liberdade de ação política, defendendo Deus e a Igreja. Como cidadãos estão independentes do Episcopado e das suas decisões, embora como católicos beijem o anel ao bispo...

O «Dia» depois de recordar a defesa da igreja feita pelo director da «Epoca», «sente um enorme desgosto perante tal sentença condenatória», e evoca os tempos em que os bispos não eram neutrais e conspiravam contra a monarquia. E cita um dos motivos do documento: o bispo de Leiria que conspirou e andou foragido pelo estrangeiro...

Do tudo isto se extrai a conclusão de que a Igreja se desligou da monarquia e que um jornal para ser órgão da Igreja e a sua leitura recomendável para os católicos tem de abster-se de política, doutrina política que não seja a da Igreja. Temos pois uma «Epoca» excomungada e possivelmente rebelde contra as decisões da Igreja.

«Nemo» é um mau católico porque, tendo Deus, por intermédio do Papa mudado de pensa, ele fica fiel aos tempos em que Deus era retinente dos rendeiros.

«Mas...»

—Eu lhe explico o caso da contenda. Um dos membros da família Morão vendeu a sua parte ao dr. António Carriço, advogado em Castelo Branco, supondo que ele era um representante dos seus rendeiros.

De fato em Castelo Branco consta que o dr. António Carriço 270 contos. Este comprou em seu nome individual e nunca fez a transmissão aos rendeiros.

—Mas...

—Eu lhe explico o caso da contenda.

Um dos membros da família Morão vendeu a sua parte ao dr. António Carriço, advogado em Castelo Branco, supondo que ele era um representante dos seus rendeiros.

O dr. António Carriço comprou a José Morão e esposa o monte da Raiz por 70 contos.

—E o dr. António Carriço comprou a José Morão e esposa o monte da Raiz por 70 contos.

—E o dr. António Carriço comprou a José Morão e esposa o monte da Raiz por 70 contos.

—E o dr. António Carriço comprou a José Morão e esposa o monte da Raiz por 70 contos.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Uma greve de solidariedade

Por terem sido presos, em Tunis, Fini-
dori, gerente do jornal "Avenir Social",
Mekter e Mohamed ben Ali, três militantes
sindicalistas da Confederação Geral do Tra-
balho de Tunis, os trabalhadores das docas
puzeram-se espontaneamente em greve em
sinal de protesto contra esta violência das
autoridades.

Nenhuma reivindicação foi apresentada
por estes grevistas, o que significa que eles
se revoltaram simplesmente por puro sen-
timento de solidariedade.

Barbaridades fascistas

Os furadores da greve gloriosa dos "sar-
dinheiros" de Dovarmenez, que formam pre-
sos em consequência dos acontecimentos
sangrentos por eles provocados, resol-
veram em vista da recusa de os pôrem em
liberdade, recorrer a meios extremos.

Um deles fez a greve da fome; os outros
preveniram o juiz de instrução que, se não
os libertasse, cortariam os dedos dos pés.

O magistrado não tomou a sério esta amea-
ça, mas no dia seguinte um dos presos entregou-lhe um dedo do pé, dizendo: "Se-
nhor juiz, tenho a honra de vos oferecer o
dedo que acabo de cortar a mim mesmo.

Se persistis em manter-nos na prisão, cada
um dos meus camaradas vos trará um outro.

Embora os miseráveis agentes do capitalismo
francês não nos merecam a mínima
parcela de simpatia, não deixemos de admis-
trar, no entanto, a sua maneira energica de
protestar contra as arbitrariedades da jus-
tiça do seu país.

Os que não seguem tethes

Como as negociações entre os directores
das companhias de "tramways", servindo o
orte, o sudoeste e o oeste de Londres, e os
condutores e recebedores falhassem, a
greve tornou-se efectiva.

E' preciso notar que os grevistas, neste
modo, vão contra as instruções dadas pela
União dos operários dos transportes, que,
até à data, declaravam sempre não poder re-
conhecer esta greve.

O horário de trabalho na Austrália

O tribunal de arbitragem, que regulariza
os conflitos entre patrões e operários, or-
denou que se reduzam a 48 horas por se-
mana a duração do trabalho dos empregados
dos talhos, cozinheiros e padeiros da
marinha mercante. Antes a jornada era de
63 horas.

Agora têm de ser pagas extra todas as
horas, além das 48.

Os conflitos de trabalho na Palestina

Os pobres judeus oprimidos da România
e da Polónia imaginavam que a vida seria
toda cor de rosa na Palestina, e que os
seus sonhos se realizariam, mas bem de-
pressa se convenceram que o capital não
tem patria, nem religião, e que a luta con-
tra os privilegiados é por toda a parte a
mesma.

O grande moinho de Caffa pertencente à
Palestine Jewish Colonization Association
fechou as suas portas em consequên-
cia dumha greve declarada pelo pessoal.

Os operários judeus da Palestina vão
agora aprender que necessitam unir-se in-
ternacionalmente aos seus camaradas tra-
balhadores, afim de poderem destruir o capi-
talismo judeu e cristão, que a todos oprime.

A luta pela jornada das 8 horas
na Alemanha

Os operários alemães não cessam de lu-
tar pela jornada de 8 horas, apesar de serem
em muitas indústrias obrigados a trabalhar
10 a 12 horas. As quatro organizações de
mineiros do distrito do Ruhr vão entrar
em ação em 28 de fevereiro, recusando
todos os contratos de trabalho com mais
de oito horas.

Os patrões, aproveitando-se das cláusulas
do infame tratado de Versalhes, dizem
que segundo este tratado a Alemanha tem
de produzir mais.

A única possibilidade então é trabalhar
mais horas. Esta observação é contestada
pelo facto de que maior número de horas
de trabalho não significam necessariamente
aumento de produção, porque os operários
cansados não podem produzir em dez
horas o que outros em boa disposição pro-
duzem em oito.

O árbitro desta questão será, todavia, o
operariado. Se ele exigir as 8 horas de tra-
balho, e lutar incessantemente porque esta
medida seja um facto, consegui-lo há, sem
dúvida alguma.

Makno está preso
em DantzigUm apelo dum grupo de revolucionários
rusos

Um grupo de revolucionários exilados
rusos dirigiu um apelo aos operários re-
volucionários de todos os países, pedindo-
lhes para que enviassem os seus protestos
contra a detenção no campo de concentra-
ção de Dantzig do revolucionário Makno,
e exigir os poderes desta cidade a sua
imediata libertação.

Nestor Makno, depois do seu julgamento
na Polónia, não podendo permanecer neste
país senão, sob uma forte vigilância poli-
cial, resolven ir fixar-se noutro país, onde
tivesse mais possibilidade de repousar, e
de se curar das suas feridas. Para isso,
abandonou a Polónia, e foi para Dantzig,
a fim de ver se conseguia um documento
visado, que lhe permitisse entrar na Ale-
manha ou na França.

As autoridades de Dantzig, porém, pre-
nderam-no, e intimaram-no a abandonar esta
cidade o mais depressa possível.

E' como ele não possuía qualquer docu-
mento que lhe permitisse atravessar as
fronteiras, foi novamente preso, e metido
num campo de concentração, donde não
pode sair, enquanto não apresentar o
documento pedido, o que significa, que nunca
de lá mais sairá, a não ser que o proletariado
mundial exija a sua libertação.

Para ser emulo de Cunha Leal — o qual
acusou o chefe radical de favorecer os ex-
tremistas contra a ordem social.

O discurso do sr. José Domingos dos
Santos foi cortado ao meio por um violento
tumulto, desencadeado pelos actionistas e
pelos democriticos do sr. António Maria.
Foi um sínoma grave para o governo, pois
que o chefe radical aprovou o ensaço
para declarar ao sr. Vitorino Guimarães
um apoio muito incerto.

O sr. José Domingos dos Santos recla-

OUTRO CALUNIADOR

Sob a epígrafe "Outro caluniador" publi-
camos há dias uma local que dava conta
duma informação que até nós chegara de
que o dr. Tórres Garcia, em Coimbra, afir-
mava que A Batalha defendia o aumento
do preço do pão e contava como seus subs-
critores vários Bancos e a Moagem.

Negando a veracidade de tal informação
escrevemos-nos o dr. Tórres Garcia a seguinte
carta:

"... Sr. Redactor: — No número de ontem,
17, do jornal que V. Ex. dirige, afirmava-se
que eu, numa roda de amigos no teatro de
Coimbra, teria dito que A Batalha defendeu
o aumento do preço do pão, quando fui
ministro, e que todos os banqueiros de
Lisboa são subscriptores do mesmo jornal.

Devo dizer a V. Ex. que esta afirmação
não pode entender-se comoigo o simples
motivo de que não frequento o teatro, a
que alude, há muitos anos, por não ter di-
nheiro para o fazer, facto que pode ser
confirmado por toda a população de Coimbra.

Esta minha resposta não significa o pro-
pósito de me furtar ao dilema que, a res-
peito do meu carácter, V. Ex. pôde no final
das referências que me faz, porque eu não
fui, não sou, nem nunca serei um pulha.

Estou disto absolutamente seguro.

Para acabar, peço a V. Ex. de pôr sem-
pre de remissa as afirmações que a meu
respeito venham de Coimbra, porque elas
tendem, por vezes, à minha liquidação po-
lítica... mesmo que seja pela via pessoal!!

Sendo eu, de facto, um mero e tranquilo
espectador em face da transformação eco-
nómica da humanidade, já depois da re-
volução de 19 de Outubro eu fui denunciado
em Lisboa como elemento perigoso que
preparava em Coimbra a chacina dos ele-
mentos avançados desta capital.

E essa denúncia, sei-o hoje, foi feita por
um meu adversário político dos mais fer-
vorosamente burgueses e reacionários que
eu conheço!! Agradecendo a publicação
desta, sou etc.—António Alberto Tórres
Garcia.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo Alberto, do hos-
pital de São José, deu entrada Erminio
Duarte Bispo, 30 anos, limpador de má-
quinas da C. P., da Barquinha, que, na es-
tação do Entroncamento, foi colhido por
um pilha de carvão, ficando com a perna
direita fracturada.

— Recolheu à enfermaria de Santo António,
Celestino da Silva, 33 anos, de Lisboa,
das Amoreiras, 74, que, na Charneca
de São Bartolomeu caiu num cabonco,
sendo colhido pela carroça e ficando muito
ferido nas pernas.

— No posto da Cruz Vermelha do Calvá-
rio foi pensado e recolhido casa Miguel
Correia, 19 anos, marítimo, da Trafaria,
que caiu a bordo de um barco atacado à
muralha de Alcântara, ficando contuso pelo
corpo e ferido na cabeça.

CONFERÊNCIAS

Arte portuguesa

O professor dr. sr. João do Couto re-
lizou hoje, pelas 21 horas, na Universidade
Popular Portuguesa, rua Particular, à rua
Almeida e Sousa, uma conferência sob o
tema "Arte Portuguesa", primeira duma sé-
rie que se propõe efectuar no mesmo local.

A conferência é acompanhada de projec-
ções luminosas e seguida de sessão cine-
matográfica.

A entrada é pública.

Frente Única do Proletariado

Sob este tema realiza-se hoje pelas 21
horas, na sede do Sindicato Único Meta-
lúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º (antigo
204) uma conferência pública.

E' conferente Santos Arranca.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Foi ontem sepultado no Cemitério da
Ajuda o cadáver do menino Mário Barbosa,
filho de Rogério Barbosa e sobrinho de
João Linhares Barbosa, director de "A Gui-
tarra de Portugal".

E' conferente Santos Arranca.

Teatro Nacional

HOJE

Reprise da linda peça Inglês

SÁBADO, 21: a hilariante peça

INGLES

DOMINGO, 22: a delicada

HORA DE AMOR

Sexta-feira, 23: repte-se o DICKY

Terça-feira, 24: INGLESES

Noite de alegria foi a de domingo com

2 BAILES DE MASCARAS 2

no Sádoo Nobre e o outro na sala

de espectáculos, abrillantados por 2

bandas de música

Sábado, domingo, segunda

e terça-feira

4 GRANDIOSOS BAILES 4

Segunda e terça em "matinée"

BAILES INFANTIS

Os bilhetes para estas diver-
sões à venda no camaroteiro

INGLES

Domingo, 21: a hilariante peça

INGLES

Domingo, 22: a delicada

HORA DE AMOR

Sexta-feira, 23: repte-se o DICKY

Terça-feira, 24: INGLESES

Noite de alegria foi a de domingo com

2 BAILES DE MASCARAS 2

no Sádoo Nobre e o outro na sala

de espectáculos, abrillantados por 2

bandas de música

Sábado, domingo, segunda

e terça-feira

4 GRANDIOSOS BAILES 4

Segunda e terça em "matinée"

BAILES INFANTIS

Os bilhetes para estas diver-
sões à venda no camaroteiro

INGLES

Domingo, 21: a hilariante peça

INGLES

Domingo, 22: a delicada

HORA DE AMOR

Sexta-feira, 23: repte-se o DICKY

Terça-feira, 24: INGLESES

Noite de alegria foi a de domingo com

2 BAILES DE MASCARAS 2

no Sádoo Nobre e o outro na sala

de espectáculos, abrillantados por 2

bandas de música

Sábado, domingo, segunda

e terça-feira

4 GRANDIOSOS BAILES 4

Segunda e terça em "matinée"

BAILES INFANTIS

Os bilhetes para estas diver-
sões à venda no camaroteiro

INGLES

Domingo, 21: a hilariante peça

INGLES

Domingo, 22: a delicada

HORA DE AMOR

S

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,33
S.	10	17	24	17,42	Desaparece às 17,42
S.	14	21	28		FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	—
S.	2	9	16	23	Q. C. dia 8 às 9,10
T.	3	10	17	24	Q. M. dia 23 às 10,11

MARES DE HOJE

Priamars às 0,21 e às 0,55
Baixamar 5,51 e às 6,25

CAMBIOS

Faixas	Compra	Venda
londres, os dias de visita	98,00	99,50
londres, cheques	102,00	103,10
Paris	12,00	12,00
suíça	3,00	4,00
belgica	1,00	1,00
italia	1,00	1,00
Holanda	8,00	8,38
Madrid	2,00	2,00
New-York	20,00	20,00
Brasil	2,00	2,00
Noruega	2,00	2,00
Suecia	2,00	2,00
Dinamarca	2,00	2,00
Praga	2,00	2,00
Espanha	8,00	8,00
Viena (1000 coroas)	2,00	2,00
Rentmarcks ouro	4,00	5,00
Agio do ouro	2,00	2,00
Libras ouro	110,00	112,00

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Teatro huts—A's 21—«A dança das Libélulas». Teatral—A's 20,30—«Inglés». Teatral—A's 21—«Mulher Nua». Trindade—A's 21,15—«Casta Divas». Teatro—A's 21,15—«Mola Real». Ribeira—A's 21,15—«Susis». Eden—A's 21,15—«Fruto Proibido». Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«O 31». Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo. Teatro Toy—A's 20,30—«Variedades». O Il Vincenzo (à Graça)—A's 21—«O Cabo Simões». Teatro D. Bragança—Todas as noites—Concertos e diversos.

CINEMAS

Olimpia—Chiado Terrasse—Salão Central—Cinema Condes—Salão Ideal—Salão—Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine Páris—Cine Esplanada—Chantecler—Tivoli—Tortoise. MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Ardelos», são boje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira, e por via do Funchal, para África Austral, Cap-Town, Elsabet e África Oriental, sendo da Caixa, Geral a última fatura da correspondência registrada, às 11 horas, e da ordinária.

Também pelo paquete Sierre Nevada, se expedem malas do correio, para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

A última tiragem efectua-se às 10 horas.

Lede o Suplemento de A BATALHA

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Acer, assim como todas ócas e incisivas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, lâmpadas, Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosques. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. É a casa que fornece em melhores condições.

LIMAS

As melhores são as da União. Tomé Peiteiros, Vieira de Leiria. Pedir em todas as lojas de ferragens. Em preços e tamanhos, sempre com as melhores marcas registadas das inglesas. Pedidos nos nossos Representantes e Depositários em Lisboa srs. Ferreira & C.º, Lda—Caldada do Marquês de Abrantes, 158—Telef. C. 1920

MARCA REGISTADA

Associação de Socorros Mútuos A GARANTIA PORTUGUESA

Rua de São Bento, 11, 1º AVISO

Em harmonia com o preceituado nos nossos estatutos, encontram-se patentes durante 15 dias, das 20 às 22 horas, os documentos e livros da gerência de 1924.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1925.—O Presidente da Mesa, (a) Augusto Nascimento da Silva.

Valério, Lopes & Ferreira, L.º FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metals, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para farrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO IMPERIO, 86—LISBOA — TELE

gramas, FERRAGENS

— Concordo; mas os senhores deixarão acaso despojar as suas terras, permitindo aos servos que partam para a cruzada?

— Os senhores temem-nos tanto a nós como a revolta dos servos; nisso vai o nosso cumum interesse; demais, o populacho, que por medida de sábia política se faz emigrar, compõe-se quando muito do terço da plebe; só partirá portanto esse terço.

— Quem te assegura que um maior número não cederá à persuasão que tu julgas irresistível?

— Essa plebe tem-se tornado cobarde pelo hábito do cativeiro que pesa sobre ela desde a conquista francesa, tam proveitosa para a Igreja católica; a prova da estupidez, da cobardia desses povos, em outro tempo tam valorosos sob a influência druídica, está na sua estúpida resignação à servidão, da qual a Igreja lhes prega a santidade, uma parte mínima déles acha-se bastante disposta para a revolta; ora, estes, os mais impacientes do jugo, os mais inteligentes, os mais arrojados, e por conseguinte os mais perigosos, serão os mais entusiasmados em partirem para a Palestina; de modo que ficaremos livres de todos os excitadores de rebeliões.

— Essa observação é justa.

— Portanto, um terço ou ainda mais de um terço da plebe emigrará; os que ficarem serão suficientes para o cultivo da terra, menos numerosos na tarefa, o seu ardor aumentará, tanto melhor! Bem pesadamente carregado, asno com boa carga não escoiceam! com isto se tolherão novas revoltas.

— Na verdade, Jerónimo, que cada vez admiro mais as poderosas combinações de política dos pápás; mas um dos resultados de suma importância dessa política, será livrar-nos dum grande número désses amaldiçoados senhores, sempre em guerra contra nós. Ah! ésses não serão como os servos; excitados pelo desejo de se subtraírem a uma sorte horrível ou de gosarem a sua liberdade.

— Grande número déles almejarão como os servos por mudarem de condição: demais, que vida levam os

senhores?

— não será a mesma que a dum chefe de bandidos, sempre em guerras, com o ouvido à escuta, restando serem atacados ou podendo sair senão raras vezes e armados dos seus senhorios, obrigados de continuo a entrincheirarem-se nos seus covis? Esses homens ferozes estão cançados da existência selvagem e violenta a que estão sujeitos.

— Agora, quando esses homens manchados de crimes, quasi tam embrutecidos como os seus servos, todos eles mais ou menos impressionados do medo que lhes mete o diabo, ouvirem sacerdotes inspirados dizer-lhes: «Vossé a quem lhes falta o ar nas negras cidadelas de pedra onde estão sempre a disputar os vies despojos de alguns viajantes ou as terras infecundas do Ocidente, terras povoadas de miseráveis, que mais parecem animais do que entes humanos, abandonem o solo ingrato e o escuro céu do Ocidente! venham à Palestina, venham ao Oriente, país do sol e de magia! terra fecunda, explendida, feiticeira, com magníficas vivendas, com palácios de mármore de cúpulas doadoras, com jardins deliciosos povoados de mulheres encantadoras! venham à Palestina! ali encontrarão tesouros acumulados pelos sarracenos desde séculos, tesouros tam prodigiosos, que bastariam para cobrir de oiro, de rubis, de perolas, e de diamantes o caminho da Gália até Jerusalém! tudo isto Deus lho concede. Sim, terra fecunda, palácios, mulheres, tesouros.» Afirme-te, Simão, que uma infinidade de senhores caíram no anjo brilhante de todos os raios do sol do Oriente.

— Ah! Jerónimo, Jerónimo! O futuro da Igreja católica antevejo-o na sua formidável magistad; tu fazes com que eu agora preze mais a vida.

— Por isso te disse que esta conversação tinha analogia com a nossa posição actual de prisioneiros do bando de Néroweg VI...

— Ele vai pôr-te à tortura para te extorquir o domínio das terras da tua diocese, que desde muito ambiçionava; previne pois a tortura, concede tudo, absoluamente tudo; ámaphá, sem dúvida, Pedro o Eremita, e Gauthier partiu de Angers em direcção a

este país, a fim de pôr em ordem a cruzada; Néroweg VI partiu, a tua doação ficará nula.

— Mas se ele não partiu? e se, não contente com a doação, ele me fizer morrer nos suplicios para satisfazer o seu ódio contra mim?

— A conversação do bispo de Nantes e do múnio do papa de Roma foi interrompida por um ruído surdo, singular, que parecia sair do interior da espessa parede... Os dois sacerdotes estremeceram, e levantaram-se encarando-se; depois, aproximando-se da parede, escararam daquele lado com anciadade; mas no fim de alguns instantes, o ruído diminuiu e parou completamente.

— A masmorra de Bezenecq o Rico e da sua filha, era, como as outras celas subterrâneas, ladeada e abobadada, mas situada no segundo pavimento destes lugares temíveis, por isso a claridade penetrava com mais brilho pela estreita ceteira ou fresta; via-se no centro desta prisão uma grelha de ferro do cumprimento de seis pés sobre três de largura, bastante alta e com barras de ferro pouco afastadas umas das outras; correntes e argolas presas nesta grelha serviam para segurar a vítima. Os restos apagados de um brazeiro, recentemente aceso debaixo desse instrumento de suplicio onde estendiam o paciente, enegreciam ainda as lages; não longe dali, dois instrumentos de tortura, construídos com uma engenhosa ferocidade, completavam estes sinistros aparelhos, um deles consistia numa barra de ferro pregada na parede, na altura de sete a oito pés acima do terreno, terminava por uma golilha de ferro, que se abria e fechava à vontade; uma grande pedra, que pesava 200 arráteis, guarnecida de uma argola e de correias para a suspender, estava por baixo da forca; na distância de alguns passos e também pregado na parede, via-se um gancho gigantesco recurvado, muito agudo e igual àqueles de que se servem os magarefes para pendurar os quartos de boi; as lages por toda a parte esverdeadas de humidade, eram dum escuro sanguíneo por baixo desse

gancho. Defronte desse instrumento de suplicio, aparecia, grosseiramente esculpida na parede, e destinada a duplicar o terror dos presos, uma espécie de máscara hedionda, meio fera, meio homem; os seus olhos e a abertura das suas fauces escancaradas pareciam buracos negros; finalmente, colocada junto da porta da masmorra, uma comprida arca de madeira cheia de palha servia de cama; ali estava estendida a filha do cidadão de Nantes, pálida como uma defunta e gelada de terror, ora lhe estremecia o corpo, ora ficava imóvel, com os olhos fechados, sem que as lágrimas descessem de lhe sulcar o lívido rosto. Bezenecq o Rico, sentado à borda da cama de palha, com os cotovelos assentes nos joelhos e com a fronte escondida entre as mãos, dizia.

— O senhor de Plouernel... é um descendente de Néroweg! o encontro é extraordinário, é fatal!

— Ah! meu pai, murmurou a jovem com voz desfalecida, este encontro é a sentença da nossa morte!

— A sentença da nossa ruína, mas não da nossa morte! Desça, pobre menina, o senhor de Plouernel ignora que a nossa obscura família tem lutado contra a sua desde séculos mais remotos... Mas quando o bailio pronunciou o nome de Néroweg VI, que eu não tinha ouvido durante este dia amaldiçoado, e que interrogado por mim, esse homem me respondeu que seu amo e senhor pertencia à antiga família francesa dos Néroweg, estabelecida no Auvergne depois da conquista das Gálias por Clovis, não tive a menor dúvida, e a meu pezar estremeci, recordando-me das legendas da nossa família, que em outro tempo meu pai nos lia em Lão, e que ficaram nesse país em poder de Gil-daz, meu irmão mais velho!

— Ah! para que deixou meu avô a Bretanha?...

— Essa região não foi talvez subjugada como esta pela tirania dos senhores!

— Ah! querida menina, já te disse que nosso avô, único entre os descendentes de Joel dispersos na Gália ou em países longínquos, tendo continuado a habitar juntamente as pedras sagradas de Karnak, berço da nossa

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Elementos gerais

Algebra elementar

Nomenclatura, notação e operações algébricas; equações do 1.º e 2.º grau; teoria dos logaritmos; exercícios algébricos e tábua de logaritmos dos números 1 a 10000, por Hermann Ivens FERRAZ, 1 volume de cerca de 300 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

Aritmética prática

Numeração e operações sobre números inteiros, quebrados e decimais; composição de números e equações numéricas; números complexos; sistema métrico; regras de três e conjunta; regra de câmbio; anuidades; tábua de logaritmos dos números 1 a 10000, por CUNHA ROSA.

Mecânica

Utensílios de desenho e sua aplicação; convenções de traços e cores; escalas dos desenhos; cortes e secções; cotas e dimensões; esboços cotados; execução e disposição dos desenhos; aquarelas e tintas, letras, títulos e legendas; projeções e intersecções, desenhos ampliados, descrição de diversos metais; exercícios de desenho à vista, desenho rigoroso, indicações práticas e proporções de diversos órgãos de máquinas, tabelas, etc., por TOMAS BORDALO PINHEIRO, 1 volume de 340 páginas, formato 16 x 22 encadernado em percalina. 25\$00

Material agrícola

Matérias primas de construção; conservação do material agrícola; trabalhos culturais; ferramenta agrícola para a pequena cultura; revolvimento da terra; cultura de planta; colheita; preparação dos produtos; tratamento das plantas; aparelhos agrícolas; para a cultura mediana; charruas de revimento fixo, alternado, duplo, especiais; tração das charruas; máquinas agrícolas para a grande cultura; preparação das terras; lavoura mecânica; debulha; enfardamento de paixão; elevação de águas; motores agrícolas e transformação de produtos agrícolas, por H. FRANCISCO DA SILVEIRA.

Projetos de engenharia

Preliminares; geradores químicos de corrente eléctrica; magnetismo; indução; geradores mecânicos de corrente contínua; acumuladores; geradores de motores de corrente eléctrica; distribuição das correntes eléctricas; transformação de correntes eléctricas; iluminação; motores; telegrafia, telefonia; e outras aplicações, por ALBERTO DE CASTRO FERREIRA.

Elementos de electricidade

Preliminares; geradores químicos de corrente eléctrica; magnetismo

A BATALHA

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NOS ESTADOS UNIDOS

Os espíões operários

Os jornais operários americanos ultimamente chegados ao nosso país, trazem uma série de indicações interessantes, a respeito duma especialidade vergonhosa de alguns operários americanos: a espionagem.

Em 1921 o «New Republic», revista de Nova York, publicou uma série de artigos intitulados «The Labour Spy» (o operário espião) e que eram da autoria de Sidney Howard e Robert W. Duran onde se desvendava o sistema de espionagem industrial. Esta obra tem prosseguido até ao dia de hoje e forma uma obra de mais de 200 páginas.

O trabalho do operário espião que está ao serviço de qualquer industrial, consiste em «vigiar» os operários, influir no ânimo dos secretários dos sindicatos para que cometam actos de violência, em momentos propícios, com o fim de provocar greves, de falar, etc.

Actualmente os grandes «bureaux» de detectives encarregam-se deste nobre ofício que para elas é uma fonte enorme de lucros. Influíram de tal forma no espírito dos patrões que estes dão somas enormes para serem «protegidos» por estes espionas. O trabalho destes miseráveis foi descrito pelo grande escritor americano Upton Sinclair no seu famoso livro «100 por cento».

O que expomos a seguir, dá uma ideia do desenvolvimento desta espécie de negócios: os três principais «bureaux» de detectives americanos Burns, Thiel e Pinkerton têm a seu serviço, nada menos de 135.000 pessoas espalhadas em 100 «bureaux» e 10.000 sucursais com um lucro anual de 65 milhões de dólares. Segundo várias apreciações, três quartas partes destes pessoal entrega-se à espionagem industrial.

NA TCHECOSLOVÁQUIA

Consequências do plano Dawes

Os efeitos do «plano de reparações Dawes» já também se tem feito sentir na Tchecoslováquia.

No distrito de Ostrauer numerosas fundações viram-se obrigadas a fechar as suas portas, deixando sem trabalho centenas de operários.

Os trabalhadores da indústria metalúrgica, que pediam aumento de salário para poderem fazer frente ao custo da vida, que sobe rapidamente e sem interrupção, veem-se ameaçados afora com uma redução, em vez de aumento. Cresce o desassossego entre a classe operária, que realiza frequentes «meetings».

NA ITÁLIA

O processo do general de Bono e o atentado de Matteotti

A comissão de instrução criminal, presidida pelo general Zuppelli, depois da demissão do senador Melodia, prossegue com uma actividade crescente a audição das testemunhas do processo de Bono.

Sabe-se que as denúncias feitas pelo diretor do *Popolo*, Donati, contra o general de Bono, antigo director da Segurança Geral, diziam respeito directamente ao atentado Matteotti.

Com efeito, o general é acusado de ter colaborado no assassinato do deputado socialista. Por esta razão foi reclamado pela comissão o *dossier* Matteotti.

O senador Albertini, o deputado Amendola, *leader* democrático, já foram ouvidos e espera-se com curiosidade a publicação dos depoimentos destes dois personagens, que leram, antes de serem publicadas as memórias sobre os crimes fascistas de Finzi e de Rossi, um sub-secretário de estado, e o outro director da imprensa, no reinado de Mussolini.

NA DINAMARCA

O governo socialista reforma a legislação penal

O governo socialista da Dinamarca, presidido por Stauning, que apresentou um projeto de desarmamento total da Dinamarca, acaba de propor uma reforma da legislação criminal. As penas pelos delitos cometidos contra o estado são sensivelmente diminuídas. Ao contrário; as penas por crimes contra as mulheres e crianças são aumentadas. A especulação, as fraudes sobre os gêneros alimentícios e a embriaguez são punidas com uma grande severidade.

A pena de morte é abolida. Uma isenção de pena é concedida aos que matarem uma pessoa a seu pedido por sofrer de doença incurável.

Não se veja nestas medidas qualquer humanitarismo da parte dos governantes, porque elas só o fazem sob a pressão da opinião pública no desejo de se segurarem, e manterem no poder.

NA FRANÇA

A questão Filipe Daudet

O antigo juiz dum dos tribunais de Paris, Longier, foi encarregado de instaurar o processo de Filipe Daudet, no qual são acusados de assassinatos destes infeliz moço os polícias Lannes, Marlier, Colombo, Delange e Flotter.

Como é sabido, o filho do celebrado político reaccionário francês, Leão Daudet, foi encontrado há mais dum anho morto dentro dum automóvel, tendo-se atribuído a sua morte a um suicídio.

Por revelações feitas depois soube-se que, em contradição com as ideias do pai, Filipe Daudet tinha frequentado nos últimos dias da sua vida os meios anarquistas, e, de dedução em dedução, chegou-se a concluir que ele tinha sido vítima dum cílado da polícia, que por denúncia se tinha posto a persegui-lo.

Foi em vista dessas conclusões que as autoridades judiciais se viram agora obrigadas a intervir no caso e a chamar à responsabilidade os polícias acusados do crime de assassinato.

NA INGLATERRA

A comédia do desarmamento

O «Evening News» anunciou que, apesar do conflito que existe entre os peritos do admirantado e os da tesouraria—que são artidários da política de economia preco-

Ferreiros de Tôrre das Vargens

Em reunião de assembleia geral, da delegação de Tôrre das Vargens, do Sindicato Ferroviário da C. P., foi aprovada uma moção contra as «fôrças vivas de harmonia» com as considerações expostas no último manifesto distribuído há dias à classe, em que se saliente a necessidade de se fazer frente aos sugadores do povo sofredor, louvando a atitude de *A Batalha*, sempre na defesa dos oprimidos e repudiando doutrina de *O Século* reconhecido balcão dos cofres das «fôrças vivas».

O operariado de Cabeço de Vide contra a U. I. E.

CABEÇO DE VIDE, 15.—Reunião do operariado de Cabeço de Vide, na sede do Sindicato Rural. A sala estava completamente cheia.

Júlio Manuel Madeira, trabalhador rural, num vibrante discurso ataca violentamente as «fôrças vivas» pela atitude que tomarão no parlamento. Afirmou que a guarda republicana não se constitui para fusilar o povo. O orador afirma que o último governo apenas definiu as situações, o que deve ser uma lição para o operariado.

Francisco Carreira, pelos Rurais, Antônio Júlio Lé, pela Construção Civil, reformaram as opiniões expostas, sendo aprovada uma moção que tem as seguintes conclusões:

«Considerando que o povo trabalhador vem manifestando energeticamente a sua repulsa contra os manejos das «fôrças vivas»; que essa manifestação deve ser acolhida com carinho e secundada por todo o operariado; que o operariado de Lisboa tem demonstrado que não está disposto a deixar-se esmagar pela parte reaccionária; O operariado de Cabeço de Vide, reunido em sessão pública, resolve:

1.º Saúdar carinhosamente o jornal *A Batalha*, pela sua grandiosa campanha contra as «fôrças vivas»;

2.º Saúdar o proletariado em luta, especialmente o de Lisboa;

3.º Dar todo o seu apoio à C. G. T., e secundar todas as manifestações desta natureza.»

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo com vivas à *A Batalha* e C. G. T. E.

A classe operária de Braga prepara a ofensiva

BRAGA, 17.—Com a presença dos camaradas Saúl de Sousa e Mário de Carvalho, delegados da Delegação Confederal de Propaganda no Norte, reuniram na passada terça-feira os militantes operários dos organismos sindicais desta cidade, para acentuar sobre a melhor maneira de pôr em execução o parecer da C. G. T. referente à crise de trabalho e à pretensão das «fôrças vivas».

O presidente lembrá a assistência o tempo em que os políticos andavam de porta em porta pedindo votos e dentro das organizações para ludibriarem os trabalhadores. Termina pedindo para que os trabalhadores ingressem no seu sindicato dando-lhe vitalidade para que os mesmos saibam cumprir a sua missão perante a Central da Organização Operária Portuguesa.

Foi por último aprovada a seguinte moção:

«Considerando: que a chamada União dos Interesses Económicos é um grupo de indivíduos que compõem o comércio e a alta finança;

que a mesma União pretende assenthar-se no poder para melhor exercer o predomínio sobre as classes trabalhadoras;

que essa União pretende implantar em Portugal uma ditadura férrea como a de Espanha e Itália;

que por intermédio dessa União o Comércio, a Indústria, a Finança e a Lavoura pretendem diminuir os salários aos trabalhadores sem razão para tal;

que num país onde está tudo por fazer existem milhares de trabalhadores sem terem onde empregar a sua actividade;

O povo de Silves, reunido em comício público, resolve:

1.º Dar todo o apoio à C. G. T. em qualquer movimento que leve a efeito.

2.º Protestar energeticamente contra o procedimento da União dos Interesses Económicos.

3.º Protestar contra a premeditada ditadura das chamadas «fôrças vivas» e opôr-se por todas as formas contra tal pretenção.

4.º Protestar contra a baixa de salários, porque não se sente a diminuição no preço dos artigos indispensáveis à vida.

5.º Reclamar a quem de direito a imediata solução da crise de trabalho.»

Convém frisar que o comício se deu com autorização e assistência do delegado do governo, não sendo preciso acusar os militantes de «ordem» porque decorreu com a máxima serenidade e cordura. E.

2.º Nomear uma comissão de agitação

nazista por Winston Churchill—área da construção de novos cruzadores, o governo de Baldwin está disposto a fazer construir nos estaleiros três novos cruzadores para os quais os créditos foram já votados no gabinete Mac-Donald.

E Baldwin declara-se pacifista, assim como Mac Donald!

Uma última do patronato

Um operário a quem a fome conduz à loucura e à fome

João Ferreira, operário têxtil na Covilhã, trabalhava há 15 anos na fábrica de João Donas.

Com a crise de trabalho que naquela cidade se desenvolveu ficou reduzido a uma miséria extrema, pois com quatro filhos a sustentar, só conseguia ganhar uns miseráveis 500\$00 por semana.

Esta desesperante situação de tal forma atormentou que perdeu a razão.

As autoridades da Covilhã entenderam, em vez de procurarem interna-lo num hospital, metê-lo numa cadeia, o que sucedeu até pelo dia 4 do corrente.

Um irmão que tem em Lisboa e alguns amigos seus na Covilhã procuraram intervir a Lisboa, onde chegou no dia 12, dando entrada no hospital de São José, onde veio a falecer na passada segunda-feira, 16.

Alguém na Covilhã dirigiu-se ao sr. João Donas pedindo-lhe que concorresse para o cortejo do funeral, e esse senhor, que durante quinze anos usufruiu os lucros do trabalho do desventurado João Ferreira, respondeu que sendo ele rico não queria ir para jazigo quando morresse e que o Ferreira podia muito bem ir para a vala comum, pois que já nela sentia.

Eis como o patronato trata aqueles que passam a vida inteira a encher-lhes os cofres a custa da sua saúde, da sua vida e até da sua família.

Não nos admira a atitude mesquinha do sr. Donas, negando-se a dispender uns escudos com um homem que tanto tempo para ele trabalhou.

O que não queremos deixar passar é o extremo de miséria a que João Ferreira, como tantos outros, foi levado pelos que do seu suor vivem.

E é esse o fim a que são votados todos os que não vivem da exploração do seu semelhante.

Aos Manufactores de Calçado

Ajuntadeira

aceita trabalho em casa. R.

Olarias, 65, 1.º Esq.

composta por cinco membros no sentido de pôr em execução o parecer da C. G. T., levando a nomeação desta comissão à sanção dum reunião de direcções em conjunto;

3.º Manter uma constante ligação com a Delegação Confederal do Norte para melhor coordenação da acção do proletariado bracarense;

4.º Incumbir a U. S. O. de convocar uma reunião das Direcções dos Sindicatos para amanhã para se iniciarem os trabalhos que pôr em prática.

—A attitude da imprensa

A «Ordem» raptora

Vão aparecendo os objectos escamoteados à raptada

As irmãs da caridade da Santíssima Ordem da Trindade estão estendidas. A *Batalha*, *A Comuna* e *A Verdade* são três diários que lhes apareceram a estragar todo o arranjo.

Estava tudo já preparadinho para que o escândalo fosse totalmente encoberto: exigia o bom nome da Ordem, a santa causa

destruída

—Amanhã reúnem as direcções, devendo-se possivelmente no domingo o primeiro comício público independente das reuniões de protesto e preparação dum movimento que deverá realizar-se ainda esta semana. —

Estava tudo já preparadinho para que o escândalo fosse totalmente encoberto: exigia o bom nome da Ordem, a santa causa

destruída

—Amanhã reúnem as direcções, devendo-se possivelmente no domingo o primeiro comício público independente das reuniões de protesto e preparação dum movimento que deverá realizar-se ainda esta semana. —

Estava tudo já preparadinho para que o escândalo fosse totalmente encoberto: exigia o bom nome da Ordem, a santa causa

destruída

—Amanhã reúnem as direcções, devendo-se possivelmente no domingo o primeiro comício público independente das reuniões de protesto e preparação dum movimento que deverá realizar-se ainda esta semana. —

Estava tudo já preparadinho para que o escândalo fosse totalmente encoberto: exigia o bom nome da Ordem, a santa causa

destruída

—Amanhã reúnem as direcções, devendo-se possivelmente no domingo o primeiro comício público independente das reuniões de protesto e preparação dum movimento que deverá realizar-se ainda esta semana. —

Estava tudo já preparadinho para que o escândalo fosse totalmente encoberto: exigia o bom nome da Ordem, a santa causa

destruída

—Amanhã reúnem as direcções, devendo-se possivelmente no domingo o primeiro comício público independente das reuniões de protesto e preparação dum movimento que deverá realizar-se ainda esta semana. —

Estava tudo já preparadinho para que o escândalo fosse totalmente encoberto: exigia o bom nome da Ordem, a santa causa

destruída

—Amanhã reúnem as direcções, devendo-se possivelmente no domingo o primeiro comício público independente das reuniões de protesto e preparação dum movimento que deverá realizar-se ainda esta semana. —

Estava tudo já preparadinho para que o escândalo fosse totalmente encoberto: exigia o bom nome da Ordem, a santa causa

destruída

—Amanhã reúnem as direcções, devendo-se possivelmente no domingo o primeiro comício público independente das reuniões de protesto e preparação dum movimento que deverá realizar-se ainda esta semana. —

Estava tudo já preparadinho para que o escândalo fosse totalmente encoberto: exigia o bom nome da Ordem, a santa causa

destruída

—Amanhã reúnem as direcções, devendo-se possivelmente no domingo o primeiro comício público independente das reuniões de protesto e preparação dum movimento que deverá realizar-se ainda esta semana. —